

Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na democracia moçambicana?

Sérgio Chichava

Cadernos IESE N.º 2

“Cadernos IESE”
Edição do Conselho Científico do IESE

A Coleção *“Cadernos IESE”* publica artigos de investigadores permanentes e associados do IESE no quadro geral dos projectos de investigação do Instituto.

Esta colecção substitui as anteriores Colecções de *Working Papers e Discussion Papers* do IESE, que foram descontinuadas a partir de 2010.

As opiniões expressas através dos artigos publicados nesta Coleção são da responsabilidade dos seus autores e não reflectem nenhuma posição formal e institucional do IESE sobre os temas tratados.

Os Cadernos IESE podem ser descarregados gratuitamente em versão electrónica a partir do endereço www.iese.ac.mz.

“Cadernos IESE”
Edited by IESE’s Scientific Council

The Collection *“Cadernos IESE”* publishes papers, written by IESE’s permanent and associated researchers, and which report on issues that fall within the broad umbrella of IESE’s research programme.

This collection replaces the previous two collections, *Working Papers* and *Discussion Papers*, which have been discontinued from 2010.

The individual authors of each paper published as *“Caderno IESE”* bear full responsibility for the content of their papers, which may not represent IESE’s opinion on the matter.

“Cadernos IESE” can be downloaded in electronic format, free of charge, from IESE’s website www.iese.ac.mz.

Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na democracia moçambicana?

Sérgio Chichava

Cadernos IESE nº 02/2010

Sérgio Chichava é Doutorado em Ciência Política pela Universidade de Bordeaux e Investigador Sénior do IESE.

sergio.chichava@iese.ac.mz

Agradecimentos: O autor agradece a Luís de Brito, Jonas Pohlman e Michel Cahen pelos comentários e sugestões.

Agosto de 2010

Título: Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na democracia moçambicana?

Autor: Sérgio Chichava

Copyright © IESE, 2010

Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

Av. Patrice Lumumba 178

Maputo, Moçambique

Telefone: + 258 21 328894 | Fax: +258 21 328895

Email: iese@iese.ac.mz

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para fins comerciais.

Execução gráfica: Zowona - Comunicação e Eventos

Impressão e Acabamentos: Norprint

Produção Executiva: Marimbique - Conteúdos e Publicações, Lda.

Tiragem: 250 exemplares

ISBN 978-989-96147-8-9

Número de Registo: 6507/RLINLD/2010

Palavras-chave: MDM, Daviz Simango, Renamo, Sofala, Moçambique

Sumário

Uma das maiores atracções durante as eleições gerais de 2009 foi a emergência e a participação de um novo partido político, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM). O MDM, formado na Beira, capital de Sofala, na região centro de Moçambique, em Março de 2009, resultou da expulsão de Daviz Simango da Renamo pelo líder desta formação, Afonso Dhlakama. Criticando a actuação dos actores políticos moçambicanos, em particular a Renamo e a Frelimo, um dos objectivos do MDM era introduzir uma nova forma de ser e de estar na cena política moçambicana. Retraçando os factores que levaram ao surgimento do MDM, e olhando para os discursos e as práticas políticas deste partido, procura-se aqui verificar se este partido conseguiu introduzir mudanças na dinâmica política moçambicana.

Introdução

A vitória da Frelimo nas eleições de Outubro de 2009 confirmou duas situações que já se anteviam depois da sua vitória nas eleições gerais de 2004 e nas autárquicas de 2008: 1) a ultra-hegemonia da Frelimo, partido que dirige Moçambique de forma ininterrupta desde a sua independência em 1975, e 2) o declínio da Renamo, principal partido da oposição. Com efeito, se durante as primeiras eleições gerais e multipartidárias, em 1994 e 1999, a Renamo obteve bons resultados, chegando mesmo a estar bastante perto da vitória nas segundas, este partido não parou de apresentar más *performances* eleitorais. Embora não seja o objectivo deste artigo discutir o partido Renamo, pode-se avançar que, de entre outros aspectos, os problemas eleitorais deste partido estejam relacionados com a maneira personalista e demasiado centralizadora através da qual o seu líder, Afonso Dhlakama, tem gerido o partido, e a atitude do seu maior opositor político, Armando Guebuza, eleito candidato da Frelimo às eleições de 2004 e 2009 em substituição de Joaquim Chissano, que imprimiu uma nova dinâmica à Frelimo, revitalizando as bases deste partido após vários anos de quase letargia política. Neste caso, é também preciso sublinhar que, com a ascensão de Guebuza ao poder, a apologia aberta à ultra-hegemonia, um objectivo sempre presente no seio da Frelimo mas que ficara adormecido por algum tempo, está de novo na ordem do dia: o objectivo é eliminar toda a oposição política ou, conforme as palavras de Mariano Matsinhe, figura histórica da Frelimo e próxima de Armando Guebuza, “*reduzi-la a insignificância*” (Filimone, 28 de Abril de 2007).

Entretanto, esta dinâmica política das relações entre os dois principais partidos do país não tem ocorrido sem tensões, conflitos, marginalização e, às vezes, expulsões. Na sequência da expulsão por parte da Renamo de um dos seus principais líderes, Daviz Simango, em Setembro de 2008, foi criado na Beira, capital de Sofala, em Março 2009, um novo partido, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM). O surgimento deste partido trouxe consigo inúmeras expectativas aos moçambicanos, tendo renovado em muitos eleitores desiludidos com a prestação dos partidos da oposição, em particular da Renamo, uma esperança para se evitar o descalabro do multipartidarismo e o regresso em força de uma dominação sem partilha da Frelimo. É, pois, sobre o MDM que este texto se irá debruçar.

Terá conseguido o MDM trazer um debate, programa ou discurso político alternativo à arena pública moçambicana? Ou seja, terá conseguido trazer, ou, ao menos, iniciar uma nova forma de ser e de estar na política local, isto é, o vislumbrar de uma nova cultura política?

Baseando-se em entrevistas e numa perspectiva sócio-histórica, pretende-se aqui retratar os contornos que ditaram o surgimento do MDM.

Compreender o MDM implica, antes de mais nada, compreender politicamente a província de Sofala, uma região que sempre teve relações conturbadas com a Frelimo, quer seja durante a luta anti-colonial quer seja depois desta. Estudar Sofala é pois uma porta de entrada para compreender não só o MDM mas também o difícil processo de construção da nação em Moçambique como também o peso do legado colonial na esfera político-económica deste país.

Para responder às questões acima, dividiu-se o texto em três secções: a primeira procura oferecer os elementos históricos e sociológicos fundamentais para a compreensão das complexas relações entre Sofala e a Frelimo, que nos ajudam a compreender o MDM. O processo que ditou o surgimento do MDM bem como um olhar sobre o seu funcionamento são abordados na segunda secção. A última secção analisa detalhadamente a participação do MDM nas eleições de 2009.

Sofala, “uma pedra no sapato” da Frelimo

Durante o período colonial, Sofala, no centro de Moçambique, fazia parte do antigo distrito de Manica e Sofala. A capital de Sofala, Beira, e suas elites, são, à semelhança das de Maputo (antiga Lourenço Marques), no extremo sul, basicamente produtos do capitalismo colonial do final do século XIX, que se caracterizou, nas duas regiões, pela implantação de uma “economia de serviços”, ligando-as, através de portos e caminhos-de-ferro, aos países vizinhos, nomeadamente, Zimbabwe e África do Sul.

Esta região é, historicamente e por razões que procuraremos esclarecer aqui, considerada como politicamente hostil à Frelimo. Com efeito, durante a luta armada contra o colonialismo português, um dos principais e mais marcantes conflitos enfrentados pela Frelimo — cuja principal elite dirigente era originária do sul de Moçambique — foi com as elites do antigo distrito de Manica e Sofala, tendo tido como ponto máximo em 1969 a expulsão de Uria Simango, na altura vice-presidente da Frelimo, sob acusação de, para além de ter participado no complô que acabou com a vida do então presidente da Frelimo, Eduardo Mondlane, natural de Gaza, no sul de Moçambique, a 3 de Fevereiro do mesmo ano, ser “tribalista” e “regionalista” (PIDE, 1969).

Na verdade, Uria Simango — que, após à morte de Mondlane, devia, seguindo a lógica hierárquica, substituí-lo mas havia sido preterido a favor de um triunvirato que, para além dele, incluía Marcelino dos Santos e Samora Machel — entre outras coisas, queixava-se de um atentado contra a sua vida, de exclusão, de tribalismo e de assassinatos contra membros da Frelimo originários do Norte do rio Save, praticados por Mondlane e outros líderes sulistas que tinham tomado conta da Frelimo em detrimento de grupos étnicos de outras regiões de Moçambique (PIDE, 1969). Segundo Simango, ele, assim como outros indivíduos naturais de Sofala, designadamente Silvério Nungo, Mariano Matsinhe e Samuel Dhlakama, eram considerados responsáveis pela morte de Eduardo Mondlane, devendo, portanto, ser eliminados (idem).

De referir que, de entre os nomes citados por Uria Simango, Silvério Nungo viria a encontrar a morte em circunstâncias estranhas ainda durante a luta anticolonial, acto atribuído por Uria Simango aos dirigentes sulistas da Frelimo. Samuel Dhlakama¹ viria a desapare-

¹ Muito recentemente, Sérgio Vieira veio à carga, acusando Samuel Dhlakama de ter estado envolvido na morte do primeiro presidente da Frelimo. Sobre este assunto ver *Escorpião* (2009).

cer depois da proclamação da independência, restando apenas, deste grupo, Mariano Matsinhe.

Cabe também mencionar que Uria Simango, um dos fundadores da Frelimo, era originário de Machanga, sul de Sofala, região que, durante o período colonial, se tinha notabilizado por contestar vigorosamente os abusos da administração colonial. Com efeito, a manifestação popular de 1932 na cidade da Beira contra o aumento das alíquotas do imposto indígena pela Companhia de Moçambique,² que pretendia, assim, fazer face aos efeitos da crise económica de 1929, e que obrigou o exército português a intervir, é tida como tendo sido liderada por indivíduos oriundos de Machanga, coadjuvados por gente de Mambone,³ uma outra zona que também se destacou na resistência à exploração colonial. Na época, havia muita gente de Machanga e de Mambone na cidade da Beira trabalhando como empregados ou cozinheiros em famílias europeias da cidade (Cahen, 1991). Entretanto, as manifestações que ficaram célebres foram as de 1953 em Machanga e Mambone, as quais obrigaram as autoridades portuguesas (que as encaravam como um atentado à “soberania nacional”) a tomar medidas drásticas, nomeadamente o desterro de alguns indivíduos considerados instigadores dos motins, entre eles, o pai de Uria Simango (Ferraz de Freitas, 1965; Cahen, 1991). Embora ignoradas pela historiografia oficial pós-colonial, estes motins são considerados por alguns estudiosos como uma das mais importantes formas de proto-nacionalismo em Moçambique (Andrade, 1989; Cahen, 1991).

De salientar que, após a independência, Uria Simango, juntamente com outros antigos dissidentes da Frelimo, viria a ser assassinado algures em Niassa. Não há dúvidas de que o assassinato de Uria Simango, emblemática figura sofalense de resistência ao colonialismo português, deixou grande ressentimento e revolta das populações locais em relação à Frelimo.

Na sua passagem por Sofala em Junho de 1975, aquando da sua viagem triunfal,⁴ Samora Machel mostrava já uma certa desconfiança em relação a Sofala, considerando que, mais do que em qualquer outra região do país, havia sido aí onde, após a queda do regime de Marcelo Caetano a 25 de Abril de 1974, e com a ajuda do inimigo, tinham sido criados muitos partidos políticos hostis à Frelimo (Darch & Hedges, 2007).

Foi também na região do antigo distrito de Manica e Sofala que nasceram os principais líderes da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), principal partido político de oposição que, de 1976 a 1992, foi o movimento armado que moveu uma guerra sem quartel contra o regime “tribalista”, “sulista” e “comunista” da Frelimo. Está-se a falar aqui do primeiro comandante militar deste movimento, André Matsangaïça, natural de Manica, e de

² Na incapacidade de desenvolver ou ocupar efectivamente as suas colónias, Portugal havia, no final do século XIX, portanto depois da Conferência de Berlim, cedido algumas regiões de Moçambique a algumas companhias coloniais. A região de Sofala e Manica estava sob a responsabilidade da Companhia de Moçambique, na época, uma das companhias mais poderosas de Moçambique.

³ Esta região faz parte hoje da província de Inhambane.

⁴ Viagem levada a cabo do Rovuma ao Maputo entre 24 de Maio e 25 de Junho de 1975 que simbolizava a derrocada do colonialismo português e a constituição de uma nova república.

Afonso Dhlakama, seu actual presidente, natural de Sofala. Será, assim, fácil perceber este discurso de Samora Machel:

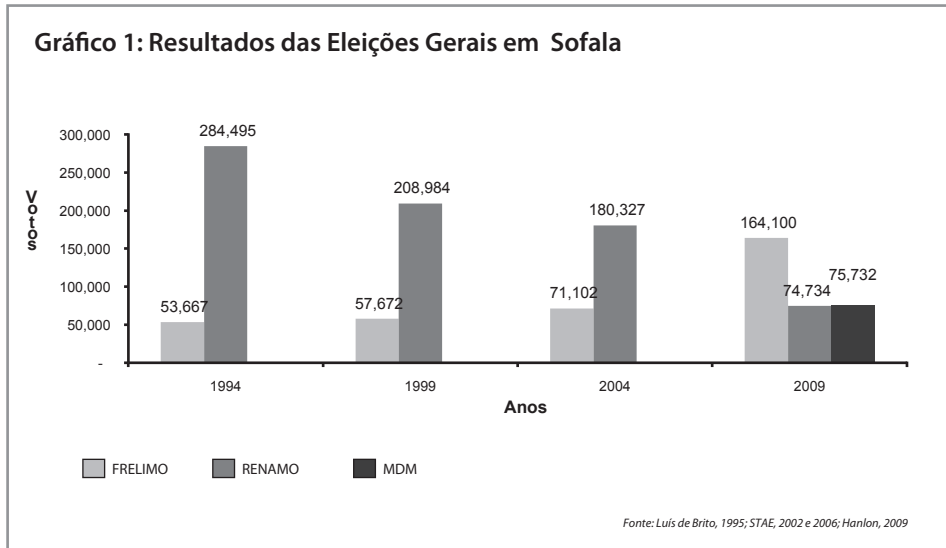
No passado, o inimigo utilizava Sofala como base das suas manobras neocoloniais. Promoveu aqui muitos reaccionários, muitos grupos fantoches. O inimigo é consequente. Onde estão esses fantoches? Fugiram para a Rodésia. E hoje como o Zimbabwe está livre, os criminosos de Inhaminga [sede do distrito de Cheringoma, província de Sofala] voltaram (Machel, 1982:13).

Em 1981, reconhecendo a fraca inserção política e social da Frelimo nesta região e o apoio das populações locais à Renamo, Samora Machel, primeiro presidente de Moçambique independente, indica Armando Guebuza, na altura Ministro do Interior e, em 1983, Marcelino dos Santos, uma das mais importantes figuras da Frelimo, na altura membro do Bureau político e secretário do Comité Central da Frelimo, para dirigirem esta província. Segundo Machel, uma província tão importante quanto Sofala, uma espécie de “estômago do país” que havia sempre sido um terreno de confrontação aguda entre a Frelimo e o inimigo, uma terra de reaccionários, tribalistas e regionalistas, precisava de ser governada pelos dirigentes “mais capazes” do partido (Machel, 1983). Isto acontecia numa altura em que a Renamo ocupava vastas regiões do país, de entre as quais Sofala.⁵ Para Machel, se Sofala tinha compreendido quem era o inimigo durante a luta anticolonial e durante a luta contra Ian Smith, agora tinha dificuldades em ver na Renamo um inimigo:

Sofala sofreu as acções e ataques do regime ilegal e minoritário de Ian Smith. Sofala resistiu e venceu, porque compreendeu que o inimigo era Ian Smith. E compreendeu facilmente porque ele era estrangeiro. Mas em relação ao bandido armado, que é nacional, que é vosso primo, o vosso compadre, o vosso cunhado, o vosso filho, o vosso tio, o vosso padrinho, já tem dificuldade de compreender que é inimigo. Pensam que ele é amigo! (Machel, 1983:15).

Com o advento da democracia e da consequente realização de eleições (gerais e locais), Sofala passou a votar expressivamente a favor da oposição, mais concretamente da Renamo, fenómeno que se repetiu nas três primeiras eleições democráticas (1994, 1999 e 2004) (gráfico 1). Até 2004, Sofala foi o círculo eleitoral onde a Renamo obteve sempre o seu melhor resultado ao nível nacional: 76,8% em 1994; 71% em 1999 e 65% em 2004. Contudo, nas eleições de 2009, a Frelimo ganhou em todos os círculos eleitorais, incluindo Sofala. Entretanto, é preciso salientar que, por razões que mais adiante explicaremos, a Renamo concorreu dividida nestas eleições em razão do surgimento do MDM, a seguir à expulsão de Daviz Simango, o que certamente explica, em parte, a sua fraca performance em Sofala. Com efeito, mesmo sem lograr vencer, pois a Frelimo obteve em Sofala 51%, a soma dos votos do MDM (23%) e os da Renamo (23%) em Sofala fez de Sofala o círculo eleitoral em que a Frelimo obteve a menor proporção de votos.

⁵ A par de Sofala também foram nomeados membros de Bureau político para dirigirem outras duas províncias nomeadamente Cabo Delgado e Zambézia, consideradas cruciais para a estabilidade política e económica do país.



Nas eleições autárquicas de 2003, as segundas de Moçambique multipartidário e as primeiras com a participação dos partidos da oposição (A Renamo e a maior parte dos partidos da oposição não participaram nas eleições de 1998), o município da Beira, à semelhança de outros quatro municípios, nomeadamente Nacala-Porto, Angoche, Ilha de Moçambique, na província de Nampula, e Marromeu, em Sofala (embora neste último, a Renamo tenha ganho apenas a presidência), caiu nas mãos da Renamo.

Para o município da Beira, considerada a segunda capital de Moçambique, sabendo da simpatia que a família Simango goza nesta região, não só por se ter destacado na resistência ao colonialismo, mas também pelo facto de simbolizar o conflito com a elite “tribalista” da Frelimo, a Renamo, que já tinha um outro candidato, Fernando Carrelo, homem de negócios e sobrinho do influente régulo Luís, desiste deste à última hora e aposta em Daviz Simango, filho de Uria Simango, na altura membro do Partido de Convenção Nacional (PCN),⁶ partido que estava integrado na coligação Renamo-União Eleitoral (Renamo-UE).⁷ Como era de esperar, este ganhou facilmente as eleições, criando um grande desconforto nas hostes da Frelimo, que via neste uma espécie de retorno de Uria Simango à cena política,

⁶ Partido dirigido pelo irmão mais velho de Daviz, Lutero Simango, e que herdou o acrónimo do antigo e efémero Partido da Coligação Nacional (PCN), criado por Uria Simango após a queda do regime de Marcelo Caetano em Portugal a 25 de Abril de 1974. Entretanto, insatisfeito, não só por ter sido preterido a favor do Daviz Simango, a quem não iria facilitar a vida na presidência do município da Beira, como também com aquilo que considerava intromissão de “intrusos” na Renamo, visto que Daviz Simango não era membro da Renamo, Fernando Carrelo viria, juntamente com outras personalidades influentes da Renamo, tais como Mário Barbito, a afastar-se da vida política activa. Sobre este assunto, ver Timóteo (2006).

⁷ Para além da Renamo, a coligação RUE, dissolvida em Julho de 2009, tinha sido criada em 1999 e era constituída pela Frente Democrática Unida (UDF), Movimento Nacional de Moçambique (MONAMO); Partido de Convenção Nacional (PCN); Frente de Aliança Patriótica (FAP); Partido do Progresso do Povo de Moçambique (PPM), Frente Unida de Moçambique (FUMO); Aliança Democrática de Moçambique (ALIMO), Partido de Renovação Democrática de Moçambique (PRD) e União Nacional de Moçambique (UNAMO).

fazendo tudo, mas sem grande sucesso, para dificultar a sua governação. Nestas eleições, em que a taxa de abstenção rondou os 70%, Daviz Simango obteve 53,43% dos votos e o seu partido, 54,54%, tendo o seu mais directo adversário, Djalma Lourenço, da Frelimo, obtido 42,23%, e o partido Frelimo, 41,25%. Para além destes concorrentes, havia também o Partido Independente de Moçambique (PIMO) e o Instituto Para a Paz, Democracia e Desenvolvimento (IPADE), que tiveram entre 3% e 1% dos votos, o mesmo sucedendo com os seus candidatos (STAE, 2003).

Foi também na Beira, naquilo que ficou conhecido como a “Revolução de 28 de Agosto”, justamente por ser a data em que Daviz Simango foi preterido a favor de Manuel Pereira, que surgiu o MDM. Elucidativa esta afirmação do Daviz Simango, aquando do discurso do encerramento da Conferência constitutiva do seu partido, segundo a qual “*o MDM surgia na Beira, uma cidade já habituada à adversidade* (Simango, 7 de Março de 2009).”

De realçar que a Beira foi o único dos anteriores cinco municípios da Renamo que, nas eleições locais de 2008, permaneceu nas mãos da oposição (de Daviz Simango), apesar de todo o esforço feito pela Frelimo para recuperar a considerada segunda capital do país.⁸

Como explicar, então, a fraca inserção da Frelimo nesta parcela do país? Na verdade, Sofala é apenas um dos símbolos de contestação das elites do Centro e Norte contra o que consideram discriminação por parte das elites do Sul, sentimento que teve como um dos pontos mais altos os conflitos surgidos no seio da Frelimo e que levaram não só à expulsão e à deserção de muitos dos seus militantes oriundos destas regiões, mas também ao surgimento de movimentos regionalistas, reclamando apenas a independência destas parcelas do país, tudo isto durante a guerra colonial. Estes conflitos podem ser explicados, entre outros, pela diferença de trajectórias sociais, históricas e culturais entre as diferentes elites que compunham a Frelimo na altura e pela maneira como foi estruturada a economia de Moçambique nos finais do século XIX, levando a hegemonia político-económica do Sul em detrimento de outras regiões do país.⁹

Daviz Simango: da Renamo-UE ao MDM

Daviz Simango foi expulso da Renamo sob a alegação de ter violado os estatutos do partido, quando decidiu concorrer como independente nas eleições autárquicas de 2008, depois de, em circunstâncias pouco claras e quando já tinha sido reconfirmado como candidato a estas, ter sido preterido pelo líder da Renamo a favor de Manuel Pereira, um membro histórico da Renamo que tinha muitas vezes entrado em colisão com Afonso Dhlakama. Com efeito, após o dia 8 de Agosto de 2008, data em que Afonso Dhlakama reconfirmou

⁸ Nas eleições locais de 2003, a Renamo tinha ganho em quatro municípios, designadamente, Nacala-Porto, Angoche, Ilha de Moçambique (em Nampula) e Beira em Sofala. No município de Marromeu, também em Sofala, a Renamo tinha ganho apenas a presidência, tendo a Frelimo obtido a maioria na Assembleia Municipal.

⁹ Para mais detalhes, ver Chichava (2008a); Cahen (1994).

Daviz Simango como candidato às eleições locais no município da Beira, Fernando Mbararano, delegado provincial deste partido em Sofala, sob instruções do líder da Renamo, apareceu a dizer que, pelo facto de Simango não ser membro da Renamo, os membros deste partido ao nível da cidade da Beira não o queriam como seu candidato a estas eleições.¹⁰ Contudo, embora alguns dirigentes da Renamo insistissem em dizer que Daviz Simango não era membro deste partido, mas sim do PCN, Simango (assim como os seus apoiantes) dizia ter saído, havia já algum tempo, daquele partido e que, no momento, era membro da Renamo.¹¹

Após a exclusão da sua candidatura, Daviz Simango decidiu avançar como candidato independente, com apoio de um grupo de cidadãos reunidos em torno do Grupo de Reflexão e Mudança (GRM), liderado por Francisco Masquil, um antigo membro da Frelimo. Este facto foi aproveitado por Afonso Dhlakama para expulsá-lo da Renamo. Quer parecer que as reais motivações da expulsão de Daviz Simango sejam a existência de persistentes rumores indicando que este tinha ambições de derrubar Afonso Dhlakama da presidência da Renamo, facto que não terá certamente agradado ao líder deste partido. Este facto foi também confirmado pelo próprio Daviz Simango (Savana, 5 de Maio de 2009). Em certa medida, a expulsão de Daviz Simango assemelha-se à do antigo vice-presidente da Renamo, Raul Domingos, expulso em 2000 sob a alegação de ter traído o partido. Com efeito, este também era constantemente referenciado como o mais indicado para liderar a Renamo no lugar de Afonso Dhlakama.

O facto de, por diversas vezes, Daviz Simango ter sido considerado interna e internacionalmente o melhor presidente municipal em Moçambique, recebendo várias distinções (Canal de Moçambique: 22 de Maio de 2007; Canal de Moçambique: 1 de Junho de 2009), ofuscando a figura de Afonso Dhlakama, terá certamente contribuído para certos círculos desiludidos com a actuação do líder da Renamo verem em Daviz Simango a pessoa capaz de dar um rumo a este partido e evitar o seu declínio. Pode-se citar aqui também *A Revista Mais*, considerada próxima de Lutero Simango, que numa das suas edições considerava Daviz Simango como o sucessor ideal de Afonso Dhlakama (Cahen, 2009:64). É preciso salientar também que, apesar das várias distinções recebidas por Simango, o líder da Renamo nunca elogiou Daviz Simango, chegando mesmo a apelidá-lo várias vezes de “miúdo” e incapaz de substituí-lo da presidência da Renamo. Dhlakama afirmava, igualmente, reconhecendo implicitamente a boa gestão municipal de Daviz Simango, “que este não passava de um bom técnico, sem contudo ser um político” (Michel Cahen: 2009). Aliás, Dhlakama afirmava que fora graças a ele, que o tinha designado candidato da Renamo na Beira às eleições locais de 2003, que Daviz Simango havia ganho notoriedade.

¹⁰ Estranhamente, a expulsão de Daviz Simango aconteceu alguns dias após a não reeleição como candidato pela Frelimo de um dos considerados melhores edis de Moçambique, Eneias Comiche. Candidato à sua própria sucessão no município de Maputo, a exclusão de Comiche gerou também bastante polémica. Ver Chichava (2008b).

¹¹ Dificil confirmar se Daviz Simango era de facto membro da Renamo ou não. Sobre a insistência em Daviz Simango ser membro da Renamo pelos seus seguidores, ver, por exemplo, Canal de Moçambique (5 de Setembro de 2008). Na sua pequena auto-biografia na rede social Facebook, Daviz Simango afirma, entre outras coisas, ter sido membro do PCN e da Renamo. Ver <http://www.facebook.com/pages/Daviz-Mbepo-Simango/175696597517?v=info>.

Contudo, e como avançado acima, já em 2003, vezes houve que não estavam de acordo com a indicação de Daviz Simango para candidato da Renamo-UE para o município da Beira, em especial Fernando Carrelo e Mário Barbito. Em Abril de 2008, portanto, antes da decisão de Dhlakama de descartar a candidatura de Daviz Simango, Mário Barbito apareceu a dizer que, caso o líder da Renamo insistisse em apostar novamente no edil da Beira, a quem, para além de acusarem de nepotismo, acusavam também de estar a destruir a Renamo a favor do PCN, os militantes da Renamo na cidade da Beira avançariam com o seu próprio candidato (Chabane, 29 de Abril de 2008; Chabane, 30 de Abril de 2008). Pode-se dizer que Afonso Dhlakama aproveitou-se do descontentamento de alguns indivíduos no seio do partido para se desenvencilhar de uma figura que já lhe fazia sombra.

A Renamo ainda tentou impedir, com base na lei 7/97, de 31 de Maio, a candidatura de Daviz Simango às eleições municipais de 2008, alegando que, sendo ainda presidente do município, este não poderia apresentar-se para as eleições locais de 2008 em lista diferente da de 2003, ou seja, da Renamo-União Eleitoral,¹² mas a queixa foi julgada sem fundamento pelo Ministério da Administração Estatal (MAE).

Apesar de todas estas adversidades, isto é, de ter de enfrentar simultaneamente a Renamo e a Frelimo, Daviz Simango voltaria a ganhar nas eleições locais de 2008, com mais votos do que em 2003, numa eleição também com maior taxa de participação (cerca de 56%). Com efeito, Daviz Simango obteve 61,6% dos votos, suplantando Lourenço Bulha, com apenas 33,7% dos votos (Hanlon, 15 de Dezembro de 2008). Manuel Pereira, que tinha sido escolhido pela Renamo em detrimento de Daviz Simango, quedou-se estrondosamente na terceira posição, com apenas 2,7% dos votos!

Entretanto, a vitória expressiva de Daviz Simango precipitou a queda de Lourenço Bulha, que na altura também desempenhava o cargo de secretário provincial da Frelimo. Demitido este, Guebuza teve de mandar uma delegação de peso chefiada, entre outros, por Alberto Chipande, uma das figuras históricas deste partido, José Pacheco, ministro do Interior, e Edson Macuácuá, Secretário para a Mobilização e Propaganda, para interinamente dirigirem os destinos do partido nesta província, reestruturarem-no e prepararem-no para as eleições gerais de 2009.

Contudo, a atitude da Renamo viria a sair-lhe cara pois, apesar de Daviz Simango ter ganho a presidência, isto permitiu à Frelimo, que obteve 19 mandatos, obter maioria relativa na Assembleia Municipal. Numa das suas reacções à vitória de Daviz Simango, Afonso Dhlakama, interrogado por jornalistas, tentou uma vez mais minimizar a força e o carisma do primeiro:

Todos sabem que, até hoje, apesar de [Daviz Simango] se ter candidatado como independente, tudo quanto tem, toda a maquinaria, tudo o que apresentou, que Bulha [candidato da FRELIMO] não tinha, se deve à Renamo (Agência Lusa, 24 de Novembro de 2008).

¹² Com efeito, o artigo 10, alínea da lei 7/97, de 31 de Maio, refere que os titulares de cargos em órgãos autárquicos podem perder mandato em caso de, "após as eleições, se inscreverem em partido político diverso ou aderirem a uma lista diferente daquela em que se apresentaram a sufrágio", mas este não era o caso de Simango.

É, pois, neste contexto que surge o MDM, criado logo após as eleições locais de 2008. Afirmando-se preocupado com o cenário político moçambicano, depois da consistente vitória da Frelimo nas eleições gerais de 2004 e nas eleições locais de 2008, o MDM afirmava como seu objectivo principal evitar que a Frelimo alcançasse maioria qualificada nas eleições de 2009, ou seja, 2/3 ou mais votos, o que lhe permitiria governar sem maiores limites à sua actuação, podendo mesmo alterar a constituição:

[...] O perigo de que o regime monopartidário retorne sob a capa de um sistema multipartidário é um risco cada vez mais iminente e crescente. Nas três últimas eleições multipartidárias, tanto ao nível autárquico como a nível nacional, as chances de alternância do poder político e de governação diminuíram progressivamente de eleição para eleição. A consequência disto é que o partido actualmente no poder em Moçambique governa e reina sem ter que prestar contas à sociedade moçambicana, pois não existe uma oposição politicamente forte e capaz de exercer uma monitoria efectiva e responsabilizadora da governação (MDM, 7 de Março de 2009).

De acordo com o MDM, outro dos seus objectivos principais era o de romper com a bipolarização política que caracteriza (va) o cenário político moçambicano, dominado pela Frelimo e pela Renamo desde as primeiras eleições democráticas de 1994, conforme as palavras do seu presidente, Daviz Simango:

A criação do MDM visa proporcionar novas oportunidades de renovação da democracia multipartidária, pluralista em vez de bipartidária ou novamente mono partidarista. Responde à necessidade de mudanças reais, efectivas e não fictícias. Representa que a afirmação da identidade moçambicana plural está viva, atenta à situação política perigosa em que nos encontramos. A criação do MDM não acontece para diversificar por diversificar. Acontece porque milhares de cidadãos precisam de realizar-se como cidadãos responsáveis pela sua vida e sua sociedade (Simango, 7 de Março de 2009).

O MDM apresentava-se também como alternativa contra aquilo que considera de letargia dos partidos da oposição, vista mais como um resultado de “falta de visão política” do que da propalada “falta de recursos financeiros e materiais”, e afirmava trazer uma nova forma de ser e de estar na política em Moçambique, ou seja, renovar o cenário político moçambicano:

O MDM não surge para brincar aos partidos políticos, nem para ampliar a desagregação da já demasiado fragmentada oposição política moçambicana. Sentimos a maior consideração e apreço pelas iniciativas partidárias anteriores às nossas. Porém, se optamos por criar um partido novo é porque a maturidade da consciência política pluralista está hoje convencida [de] que a forma de fazer política precisa de renovação. Ser partido político pequeno não tem [de] significar irrelevância política. A irrelevância política deriva mais da falta de clareza sobre a razão de existir de um partido do que da posse de recursos materiais e financeiros. Para o MDM, a política não será um fim em si; muito menos deverá servir de trampolim para tentar um golpe de sorte na vida. Viemos cá de livre vontade, conscientes [de] que não possuímos recursos financeiros e materiais (Daviz Simango, 7 de Março de 2009).

Para além dos elementos do PCN, a maior parte dos membros do MDM, pelo menos ao nível da liderança, são indivíduos que anteriormente faziam parte da Renamo, entrados em dissidência, quer porque estavam em desacordo com a actuação de Afonso Dhlakama, quer porque se sentiam marginalizados por este e viam no MDM uma oportunidade para ocupar algum posto, quer como alternativa política à Frelimo e à Renamo. Pode-se igualmente encontrar ainda no MDM elementos descontentes com a Frelimo, mas que não se identificam com a Renamo.

Interessante é também salientar o facto de Daviz Simango ser um indivíduo com fortes ligações a certas figuras da elite política e económica portuguesa, algumas das quais nunca tiveram boas relações com a Frelimo, facto que internamente é visto com certa desconfiança. Especificamente, pode-se mencionar, por exemplo, a família de Jorge Jardim,¹³ grande inimigo da Frelimo. Com efeito, Jorge Jardim, juntamente com a antiga polícia política portuguesa PIDE/DGS e com o antigo presidente do Malawi, Kamuzu Banda, era acusado de ter ajudado a criar a União Nacional para a Independência da Rombézia (UNAR), um movimento que, considerando que a Frelimo era dominada por dirigentes do Sul e discriminava os moçambicanos do Norte e Centro, pretendia lutar pela independência da região compreendida entre os rios Rovuma e Zambeze (Cabo Delgado, Niassa, Tete, Zambézia, Niassa e Nampula). Jardim era também acusado de com Uria Simango, ter tentado sabotar a independência de Moçambique.

Uria Simango foi, com Jorge Jardim, igualmente acusado de ser um dos apoiantes dos manifestantes que, descontentes com o acordo de Lusaka entre a Frelimo e o novo regime português, o qual reconheceu o direito à independência de Moçambique e a Frelimo como única e legítima representante dos moçambicanos, enveredaram para destruições e ocuparam a antiga Rádio Clube de Lourenço Marques durante cerca de três dias (Diário de Lisboa, 7 de Setembro de 1974). Uria Simango, em aliança com Jardim, foi também citado como estando a organizar uma vasta operação militar hostil à independência e à Frelimo (Diário de Lisboa, 10 de Agosto de 1974).¹⁴

De realçar que a primeira viagem de Daviz Simango ao estrangeiro, após a formação do seu partido, foi precisamente para Portugal, facto usado pelos seus adversários para vilipendiar o seu partido. O MDM é citado como sendo um partido mais virado para o estrangeiro do que para Moçambique:

¹³ Este importante homem de negócios de origem portuguesa, que estava sediado na Beira durante o período colonial, embora sem boas relações com Marcelo Caetano, era figura muito próxima do regime de Salazar. Grande amigo de Kamuzu Banda, Jorge Jardim havia sido nomeado Cônsul do Malawi na Beira no dia da independência deste país. Jorge Jardim caiu em desgraça com a queda do “Estado Novo”. Grande inimigo do comunismo, ele defendia, entre outras questões, uma independência das colónias portuguesas, em particular de Moçambique, que passava pela formação de uma “comunidade luso-brasileira”, onde Portugal jogaria um papel fundamental e o português seria a língua oficial e onde os interesses portugueses seriam preservados e teriam um tratamento privilegiado. Estas ideias, segundo o próprio Jorge Jardim, tinham o apoio do antigo presidente zambiano Kenneth Kaunda e inscreviam-se no “Programa de Lusaca” mantido confidencial e assinado em 1973. A própria Frelimo estava, então, muito interessada na proposta (Jardim, 1976).

¹⁴ Nada de substancial existe para confirmar estas informações.

Logo após a sua constituição, os seus líderes trataram de viajar para a Europa a fim de se apresentarem, ao invés de o fazerem internamente, ou seja, a fim de o fazerem nas províncias, distritos e localidades. Este MDM está virado a desígnios externos, pelo que não constitui nenhuma ameaça política à hegemonia política da Frelimo. Mal se constituíram foram à Europa apresentar-se junto dos seus aliados (Notícias, 17 de Março de 2009).

Para além disto, Macuácuva procurava denegrir o MDM, considerando-o apenas um partido que, à semelhança da Renamo, não era mais do que “*movido por ódio e vingança*” (Idem).

O surgimento do MDM incomodou bastante a Frelimo: o filho de Uria Simango era visto como ameaça, não só do ponto de vista de poder evitar que a Frelimo obtivesse a maioria qualificada tanto desejada por este partido, mas também por ser movido por um ódio profundo pelo facto de a Frelimo ter executado o seu pai.

Apesar de Daviz Simango ter tentado acalmar os ânimos, os receios da Frelimo não eram totalmente infundados. Desde a sua tomada de posse como presidente do município da Beira em 2003, Daviz Simango deu muitas “dores de cabeça” a este partido. A primeira grande confrontação entre os dois adversários diz respeito à tentativa de Daviz Simango em reaver as casas do Estado usurpadas pela Frelimo para fins partidários, conflito este que chegou a provocar algumas escaramuças entre os membros da Frelimo e os partidários de Daviz Simango, estando-se neste momento à espera da decisão do recurso interposto, depois do processo movido pelo Conselho Municipal da Beira ter sido decidido em favor da Frelimo;¹⁵ a segunda diz respeito à atribuição do nome do primeiro presidente da Renamo, André Mantsagaíssa, a uma praça da cidade da Beira, decisão vivamente contestada pela Frelimo, considerando-a um ultraje.¹⁶ Daviz Simango era pois um perigo que devia, a todo custo, ser eliminado ou reduzido à insignificância. Não nos esqueçamos da tentativa da Frelimo fazer uma redelimitação da cidade da Beira, decisão vista por Daviz Simango como visando apenas obter ganhos políticos.¹⁷

Entretanto, a rivalidade não era apenas entre o MDM e a Frelimo, mas também entre o MDM e a Renamo. Aliás, desde o princípio que a Renamo também se sentiu bastante incomodada com o MDM, tendo-se rejubilado, por exemplo, com a exclusão deste partido em alguns círculos eleitorais aquando das eleições de 2009. Simango apareceu várias vezes a dizer-se perseguido pela Renamo, inclusivamente a acusar o partido de Afonso Dhlakama de tentativa de assassinato.

À semelhança da Frelimo – acusada de ser um partido dominado por Changanes, grupo étnico da província de Gaza – ou da Renamo – acusada de ser dominada por Ndaus, um dos grupos étnicos da província de Sofala, alguns sectores da sociedade moçambicana acusam igualmente o MDM de ser também um partido tribalista dominado por pessoas de Sofala, em particular dos Ndaus. O MDM é ainda acusado de estar ao serviço dos interesses da família Simango (Jossias, 6 de Janeiro de 2010; Oliveira, 18 de Março de 2010; Amorim

¹⁵ Para ter uma ideia dos contornos do conflito em torno das casas do Estado, ver Ndapona (2007).

¹⁶ Sobre este ponto, ver Veloso (2008), Dança (2009).

¹⁷ Sobre a questão da redelimitação da cidade da Beira, ver, por exemplo, Veloso (2006); Nhamumbo (2006).

(2009).¹⁸ Com efeito, a proeminência da família Simango na direcção do MDM leva alguns, mesmo internamente, a afirmar que este partido tem dois presidentes: um em Maputo, outro na Beira, ou seja, Lutero Simango e Daviz Simango respectivamente.¹⁹

MDM nas eleições de 2009: uma aventura falhada?

De acordo com os seus militantes, movido pelos objectivos acima citados, ou seja, “salvar o multipartidarismo”, o MDM decidiu concorrer às eleições gerais de 2009 cerca de seis meses apenas após a sua formação: certamente uma atitude corajosa, mas bastante arriscada para um partido acabado de formar, sem grande inserção social e política e sem recursos materiais e financeiros capazes de pô-lo a funcionar em situação semelhante à Frelimo e à Renamo.

Durante a campanha eleitoral, para além de criticar a governação da Frelimo, considerada como não inclusiva, preche de corrupção e incapaz de levar o país ao desenvolvimento, o MDM afirmava que o seu programa de governação articulava-se essencialmente em quatro pontos: *“alargamento da participação dos cidadãos, sobretudo jovens e mulheres, na vida pública; responsabilização dos eleitos; produção de riqueza e sua distribuição equitativa; e melhoria da qualidade dos serviços públicos do Estado”* (MDM, 2009a). Embora com uma linguagem mais ou menos diferente, esta mensagem não era diferente daquela também avançada pela Frelimo e pela Renamo, ou seja, pelos maiores adversários do MDM. Quer em termos de discurso, quer em termos de programa ou de ideologia, não parecia haver basicamente diferenças: não admira que, em Fevereiro de 2010, portanto, depois das eleições, o MDM tenha aparecido a afirmar que apoiaria a Frelimo (partido vencedor das eleições de 2009) se este último partido cumprisse com o seu programa de governação e se adoptasse uma atitude inclusiva (O País, 8 de Fevereiro de 2010; O País, 10 de Fevereiro de 2010). Para o MDM, se uma política pública do governo coincide com o que o MDM defende ou com o que consta no seu programa ou manifesto eleitoral, seria uma incoerência não apoiá-la simplesmente porque vem do governo, da Frelimo.²⁰

Uma das poucas diferenças do MDM com a Renamo e a Frelimo residia nas propostas do MDM em transformar o Conselho Constitucional em Tribunal Constitucional; na escolha dos presidentes dos tribunais Supremo, Administrativo e Constitucional e do procurador-geral da República através de um concurso público dirigido pela Assembleia da República. Referir que os titulares destes órgãos — muitas vezes acusados de parcialidade — são nomeados pelo Presidente da República. Havia também a questão dos reitores das universidades públicas, que, segundo este partido, doravante deviam ser nomeados pela “comunidade universitária” e não mais pelo presidente da República (MDM, 2009a). A definição da juventude como *“a grande prioridade do MDM”* (para além de uma série de benefícios

¹⁸ Ver também Nuno Amorim (2009).

¹⁹ Entrevista com F.E., Maputo, 14 de Abril de 2010.

²⁰ Entrevista, C.J; Maputo, 20 de Março de 2010; M.I, Maputo, 23 de Março de 2010.

tais como a criação de um fundo de apoio ao associativismo juvenil, de pousadas, centros e telecentros juvenis, este partido prometia consagrar anualmente 1% do Produto Interno Bruto (PIB) para financiar um Programa Nacional de Habitação para a Juventude) era também um dos pontos que distinguia o partido do Daviz Simango dos restantes partidos. Com efeito, enquanto para o MDM a juventude era a prioridade principal, “o eixo inspirador e condutor da acção governativa do MDM” (MDM, 2009a), nos outros partidos, ela era prioridade no meio de outras prioridades. Enfim, a instauração daquilo que o MDM considera “democracia directa”, com o uso dos referendos e da chamada “acção popular”, constituía igualmente diferença de relevo com os outros dois partidos (Ibid.).

Entretanto, o MDM viu-se excluído pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) em sete dos onze círculos eleitorais, sob a alegação de que as suas candidaturas apresentavam inúmeras irregularidades, tendo apenas concorrido em Maputo-Cidade e Inhambane, ambos no sul do país, Sofala no centro e Niassa no norte (O País, 8 de Setembro de 2009). Esta decisão da CNE provocou uma onda de contestação, não só no seio do MDM, mas também no de vários sectores da sociedade, que viam-na como uma clara tentativa da Frelimo obstruir a participação deste partido nas eleições.

Considerando injusta a decisão da CNE, decisão, entretanto, também confirmada pelo Conselho Constitucional (CC), o MDM decidiu avançar com uma queixa-crime contra os membros deste órgão eleitoral, alegando que, nos círculos em que fora excluído, eles tinham extraviado processos nas suas candidaturas, de modo a inviabilizar a sua participação nas eleições em benefício da Frelimo (O País, 12 de Outubro de 2009). É preciso sublinhar também que, para além de ter contestado a sua exclusão em alguns círculos eleitorais e recorrido ao CC, o MDM também contestou (fora do prazo) o sorteio que ditou o posicionamento dos partidos políticos concorrentes às eleições de 2009 nos boletins de voto, alegando que este apenas favorecia os partidos concorrentes em todos os círculos eleitorais, nomeadamente a Frelimo e a Renamo.

Para além da Frelimo, da Renamo e do MDM, participaram nestas eleições outros quinze partidos políticos.²¹ Nas presidenciais, havia apenas três candidatos: Armando Guebuza da Frelimo, Afonso Dhlakama da Renamo e Daviz Simango do MDM. Num ambiente politicamente hostil e completamente dominado pela Frelimo, que teve 74,7% dos votos e o seu candidato, 75,2%, o MDM e o seu candidato ainda conseguiram obter 3,9% e 8,6% dos votos respectivamente. Afonso Dhlakama, o grande derrotado destas eleições, obteve apenas 16,3%, e o seu partido, 17,7% (Hanlon, 19 de Novembro 2009). Em termos de mandatos, a Frelimo teve 191, a Renamo, 51 e o MDM, 8.²²

²¹ Trata-se do Movimento Popular Democrático (MPD); União Eleitoral (UE); Partido da Liberdade e Desenvolvimento (PLD); Aliança Democrática dos Antigos Combatentes para o Desenvolvimento (ADACD); Partido de Reconciliação Nacional (PARENA); Aliança Independente de Moçambique (ALIMO); Partido Ecologista (PEMO); Partido dos Verdes de Moçambique (PVM); Partido Trabalhista (PT); Partido de Reconciliação Democrática Social (PRDS); Partido Democrático para a Paz e Desenvolvimento (PDD); Partido Nacional dos Operários e dos Camponeses (PANAOC); Partido para a Liberdade e Solidariedade (PAZS); União para a Mudança (UM) e o Partido para o Progresso e Democracia (PPD).

²² Em relação às eleições provinciais, a Frelimo, que concorria em todos os 141 círculos eleitorais, obteve 83,2% dos votos correspondentes a 704 mandatos; a Renamo, que concorria em 62 círculos eleitorais, 13%, equivalentes a 83 mandatos, e o MDM, concorrente em somente 19 círculos eleitorais, 3,4%, correspondentes a 24 mandatos (Conselho Constitucional, 27 de Dezembro de 2009).

Uma primeira análise dos resultados do MDM mostra a distância entre os votos do partido e do candidato, com vantagem para Daviz Simango. Isto explica-se obviamente pelo facto de o MDM não ter concorrido em todos os círculos. Outro detalhe interessante: se já se sabia que o MDM iria obter mandatos na Beira, difícil era prever isso para a Cidade de Maputo, círculo dominado pela Frelimo e que representa uma espécie de “barómetro” político do país. Neste círculo eleitoral, o MDM obteve três mandatos, feito jamais realizado por um partido da oposição. Daqui pode-se inferir duas coisas: 1) que - pelo menos no que diz respeito às eleições de 2009, o MDM é um partido essencialmente urbano; 2) que se trata de um eleitorado cansado da Frelimo, de um antigo eleitorado “renamista” desiludido com as prestações da Renamo ou, ainda, de um eleitorado que jamais se identificou com uma Renamo incapaz de se afirmar em verdadeira alternativa política e que via no MDM uma oportunidade para se desvencilhar destes dois partidos, independentemente de o partido de Daviz Simango ter ou não ter uma ideologia ou um programa político alternativo.

Outro ponto a assinalar é que o MDM é o segundo partido, depois da coligação União Democrática — entretanto extinta em 1994, e à excepção dos tradicionais inquilinos da Assembleia da República, Frelimo e Renamo — a obter representação parlamentar.

Contudo, apesar de ter obtido oito mandatos, o MDM não podia, de acordo com o regimento da Assembleia da República (AR), constituir bancada parlamentar. Com efeito, o número 2 do artigo 39 do regimento parlamentar afirmava que só podia constituir bancada o partido ou coligação que tivesse, no mínimo, 11 mandatos. Finalmente, depois de tantas dificuldades, e no que em certos círculos foi visto como pressão da Comunidade Internacional, em particular dos doadores conhecidos localmente por Grupo dos 19 (G-19), que financiam cerca de 50% do Orçamento do Estado, a Frelimo, que detém a maioria qualificada na AR e que sempre se opusera a que MDM constituísse bancada, aceitou a revisão do regimento (Raul Senda: 26 de Março de 2010). Sem minimizar a questão da parcialidade dos órgãos eleitorais, não se pode perder de vista que o facto de ser um partido acabado de formar e com poucos recursos financeiros e humanos pesou muito na derrota do MDM. Em certa medida, as irregularidades detectadas pelos órgãos eleitorais e que ditaram a sua exclusão em alguns círculos eleitorais encontram explicação nas razões acima citadas.

Entretanto, sob pretexto de querer dar “mais vitalidade ao partido” em Fevereiro de 2010, Daviz Simango dissolveu a Comissão Política (CP) do MDM, uma decisão vista em alguns círculos como uma reedição das atitudes anti-democráticas que caracterizam Afonso Dhlakama na Renamo (Dança, 10 de Fevereiro de 2010). Se os estatutos do partido de entre as diferentes competências do presidente não prevêem que este dissolva a CP, indicando apenas que o presidente, no que à CP diz respeito, propõe ao Congresso a nomeação dos seus membros e preside às suas reuniões (MDM 2009b),²³ pode-se dizer que houve, juridicamente falando, abuso de poder da parte de Daviz Simango. “Imprimir nova dinâmica” significava, na verdade, afastar certos elementos que já não traziam nenhuma mais-valia

²³ Artigo 27, alíneas a) e e) dos estatutos do MDM.

ao partido, perseguindo “agendas pessoais” e trazendo conflitos no seio do MDM.²⁴ Na verdade, as relações entre as duas partes não eram boas, podendo ter contribuído para o azedar das relações, de entre outros factores, o facto de alguns elementos que constituíam a antiga CP não terem apoiado a pretensão do Daviz Simango em nomear Maria Moreno para o cargo de Secretário-Geral do MDM, aquando do Conselho Nacional deste partido em Junho na cidade de Nampula. Mais concretamente, pode-se dizer que o objectivo era afastar Ivete Fernandes,²⁵ o que pode ser comprovado pelo facto de ter sido a única pessoa, de entre os membros da antiga CP, a não ter sido indicada para uma outra função no seio do Partido. Um olhar sobre algumas discussões entre os seguidores do MDM no *site* deste Partido, na altura da reunião do CN de Nampula, mostra que Ivete Fernandes era vista como um elemento perturbador no seio do MDM, um elemento que já tinha entrado em rota de colisão não só com o próprio Daviz Simango, mas também com o irmão deste, Lutero.²⁶ O fosso entre as duas partes estava, portanto, aberto muito antes das eleições, mas, por se tratar de um ano eleitoral, a decisão de afastar Ivete Fernandes foi deixada para mais tarde.

Mais do que uma diferença de feitios ou de carácter, pode-se dizer que havia concepções diferentes sobre o que devia ser o MDM, ou sobre como o partido devia ser dirigido. Ivete Fernandes estava contra certas práticas que, aos olhos dela, eram inadmissíveis para um partido que pretendia trazer uma nova maneira de ser na cena política moçambicana, como, por exemplo, o facto de Daviz Simango ter viajado para a Europa na companhia de indivíduos que, embora aspirantes a membros do MDM, ainda eram deputados da Renamo-UE. Para Ivete Fernandes, também era inadmissível que um aspirante a membro do MDM, ainda deputado da Renamo-UE, empossasse a Liga da Juventude do MDM ou inaugurasse a sua Sede, como foi o caso.²⁷ Com efeito, o empossamento da Liga da Juventude do MDM (Maio 2009) e a inauguração da sede deste partido (Julho 2009) foram feitos por Lutero Simango ainda enquanto deputado pela bancada da Renamo-UE.²⁸ Isto pode ser explicado pelo facto de alguns elementos que constituem o núcleo fundador do MDM, na altura da formação deste movimento, serem ainda deputados pela Renamo-UE e, por uma questão de interesses materiais, não terem renunciado aos seus mandatos na AR. Apesar de oficialmente ainda não serem membros do MDM, porque deputados da Renamo-UE, e contornando os órgãos do partido, era este grupo que, na verdade, mandava no seio do MDM. Os diferentes órgãos, como a CP, por exemplo, só existiam no papel, o que gerou em alguns membros um certo desconforto.

À semelhança do que acontece na Frelimo, e com maior incidência na Renamo, onde os processos de escolha dos candidatos a deputados ou às eleições locais são quase sempre caracterizados por crises, intrigas e interferências constantes das lideranças dos partidos, o

²⁴ Entrevista, C. J.; Maputo, 20 de Março de 2010; M. I., Maputo, 23 de Março de 2010.

²⁵ Viúva de Evo Fernandes, antigo secretário-geral da Renamo.

²⁶ Para ter uma ideia daquilo que foram as discussões em torno de Ivete Fernandes, ver, <http://mdmwiki.wetpaint.com/thread/3048484/dirigente+MDM>.

²⁷ Entrevista com F. E., Maputo, 14 de Abril de 2010.

²⁸ Sobre a Liga da Juventude do MDM e a sede deste Partido, ver O País (17 de Maio de 2009) e O País (7 de Julho de 2009).

MDM também conheceu momentos de tensão na altura da constituição das listas de candidatos a deputados: todos queriam ser deputados, o que se explica num contexto em que, mais do que uma questão ideológica e de convicção, a política é vista por muitos apenas como um dos meios mais seguros para a obtenção de vantagens materiais e de prestígio social. Isto também foi um dos elementos da crise entre os elementos da cúpula do MDM e Ivete Fernandes.²⁹

Portanto, pode-se concluir que Daviz Simango precisava de constituir uma nova CP, que lhe fosse mais dócil e mais obediente.

Igualmente sob o pretexto de querer “penetrar no meio rural da Zambézia e Nampula, captando o eleitorado macua e muçulmano destas duas regiões” – por sinal das mais islamizadas do país –, o MDM indicou para a nova CP criada em Março de 2010 em Quelimane, dentre outros, o antigo deputado da Renamo, Luís Boavida, tido como pessoa influente no seio dos macuas e dos muçulmanos destas regiões.³⁰ Se esta estratégia pode eventualmente galvanizar o dito segmento eleitoral, também pode ter efeitos perversos em certa franja do eleitorado urbano, pois Luís Boavida notabilizou-se negativamente na Assembleia da República por ter protagonizado inúmeros desacetos, manchando a imagem de uma Renamo cuja propaganda da Frelimo sempre considerou belicista.³¹

Conclusão

Apesar de ter denunciado a forma como decorreu o escrutínio de Outubro de 2009, o MDM tem adoptado uma postura política diferente relativamente à Renamo: por exemplo, para além de reconhecer Armando Guebuza como vencedor das últimas eleições, participou na sua investidura como presidente da República, assim como na investidura dos deputados da Assembleia da República. Contudo, em termos de discurso, de programa político ou de práticas políticas, o MDM não mostrou ser alternativa, pois não é distinto dos partidos políticos existentes, sobretudo da Frelimo e da Renamo. Daviz Simango foi incapaz de formular um programa diferente dos outros, com propostas fortes que impusessem a politização do debate no país e não só a sua personificação. Ao menos em teoria, Daviz Simango foi incapaz de marcar a diferença. Isto não é de estranhar num contexto em que, conforme Van de Walle (2003), uma das características principais da maioria dos partidos políticos que emergiram em África com a chamada “3ª vaga das democratizações” é a homogeneidade programática e a quase ausência de conteúdo ideológico.

Na prática, se, por um lado, não conseguiu evitar que a Frelimo alcançasse a maioria qualificada (ou seja, mais de 2/3 dos votos) — sobretudo por causa da sua exclusão em muitos

²⁹ Entrevista com F. E., Maputo, 14 de Abril.

³⁰ Entrevista M. I., 23 de Março de 2010.

³¹ Sobre Luís Boavida, ver Agência de Informação de Moçambique (AIM) (7 de Dezembro de 2000; 5 de Março de 2001).

círculos eleitorais e da sua fraca inserção social e política —, por outro, o MDM conseguiu “morder” um dos “corações” políticos da Frelimo, Maputo, ao obter, neste círculo eleitoral, votos correspondentes a três mandatos, feito jamais obtido por nenhum partido da oposição. A Renamo nunca tinha ido para além de dois mandatos em Maputo. Se isto for bem capitalizado, o MDM pode colocar-se em Maputo como uma das formações políticas a ter em conta nas eleições locais de 2013. E, então, apresentar-se-á ao MDM uma oportunidade de mostrar que, se não na teoria, é diferente dos demais partidos na prática política.

Apesar de todos os constrangimentos, o MDM tem algumas condições para sobreviver e consolidar-se como partido, designadamente na presidência do município da Beira e em alguns mandatos na Assembleia da República, o que, para além de alguns recursos financeiros, lhe oferece também certa visibilidade. Mas tal dependerá, por um lado, da maneira como irá gerir o município e seus mandatos na Assembleia, e, por outro lado, dependerá também da maneira como irá gerir os seus quadros locais, que deveriam pelo menos ter tido acesso às assembleias provinciais, caso este partido não tivesse sido excluído. Resistirão estes ao aliciamento político da Frelimo? Resistirão estes aos “sete milhões”?³² Resistirão estes à luta pelo poder?³³ Não se deve esquecer que estamos num contexto em que a política é mais uma forma de se servir do que servir, ou seja, em que a política é, para muitos, um instrumento para a obtenção de benefícios materiais. O MDM não se desenvolverá enquanto não conseguir agarrar a base social rural da Renamo: já ficou demonstrado que o MDM pode captar uma pequena parte do eleitorado frelimista (classes médias e urbanas), mas isto nunca será suficiente. Para vencer a Frelimo, ou impor-se politicamente, será preciso que o MDM se transforme numa “máquina” política bem organizada, estruturada e disciplinada e com militantes bem formados que, não podendo ser pagos, consigam ser dedicados e que sejam capazes de resistir aos “sete milhões” ou a outro tipo de benesses oferecidas por outros partidos.

Referências

Agência de Informação de Moçambique, 2000. Renamo sabotages state of nation address, Maputo, 7 de Dezembro.

Agência de Informação de Moçambique, 2001. Renamo obstructs parliament, Maputo, 5 de Março.

³² Após a sua ascensão ao poder, Armando Guebuza, tendo designado o combate à pobreza seu principal objectivo, elegeu o distrito como “pólo de desenvolvimento”, passando a alocar a cada um dos distritos sete milhões de meticais a serem geridos localmente em projectos ligados a mitigação da pobreza. Envolto em polémica, estes “sete milhões” são vistos por alguns não só como uma tentativa de redistribuir benefícios pelos membros da Frelimo ao nível da periferia, mas também para aliciar militantes da oposição.

³³ Fala-se de lutas e intrigas no seio dos militantes do MDM em Quelimane, província da Zambézia, um dos importantes círculos eleitorais do país. Esta crise do MDM em Quelimane estaria supostamente a ser fomentada por elementos infiltrados da Frelimo. Sobre esta situação, ver Marcos (2010).

- Agência Lusa*, 2008. "Líder da oposição moçambicana nega demissão após a derrota", 24 de Novembro, http://www.camaraportuguesa.com.br/default.asp?pag=noticias&id_noticia=20763, (consultado a 5 de Dezembro de 2009).
- Amorim, N., 2009. "Partido MDM ou Associação de Revoltados de BUZI ?", *A Voz da Revolução*, 5 de Maio, <http://vozdaevolucao.blogspot.com/2009/05/partido-mdm-ou-associacao-de-revoltados.html> (consultado a 29 de Março de 2010).
- Andrade, M. P., 1989. "Proto-nacionalismo em Moçambique: um estudo de caso: Kamba Simango (c. 1890-1967)", *Arquivo 6*, Maputo, Moçambique, p.127-148.
- Brito, L., 1995. "O comportamento eleitoral nas primeiras eleições multipartidárias em Moçambique", in MAZULA, Brazão, *Moçambique, eleições, democracia e desenvolvimento*, Maputo, p. 473-499.
- Cahen, M., 1991. *Les mutineries de la Machanga et de Mambone (1953): Conflits sociaux, activisme associatif et tension religieuse dans la partie orientale de la "zone vandau"* (manuscrito).
- Cahen, M., 1994. "Mozambique. Histoire géopolitique d'un pays sans nation", *Lusotopie*, 1, Paris, Karthala.
- Cahen, M., 2009. « Resistência Nacional Moçambicana, de la victoire à la déroute ? Pluripartisme sans pluralisme et hégémonie sans stabilité », *Sociétés politiques comparées*, 17, <http://www.fasopo.org/reasopo/n17/article.pdf> (consultado a 30 de Março 2010).
- Canal de Moçambique*, 2007. "Daviz Simango melhor presidente dos municípios de Moçambique", Maputo, 22 de Maio.
- Canal de Moçambique*, 2008. "Daviz Simango já está inscrito na CNE como independente", Maputo, 5 de Setembro.
- Canal de Moçambique*, 2009. "Daviz Simango de regresso à Beira é recebido em apoteose", Maputo, 1 de Junho.
- Chabane, F., 2008. "Cartão Vermelho a Daviz Simango – 1/2", *O Autarca*, Beira, 29 de Abril.
- Chabane, F., 2008. "Cartão Vermelho a Daviz Simango – 2/2", *O Autarca*, Beira, 30 de Abril.
- Chichava, S., 2008a. "Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique", *Discussion Paper*, 1, Maputo, IESE.
- Chichava, S., 2008b. "Eneias Comiche e Daviz Simango: porque "caíram"? *O País*, Maputo, 26 de Setembro.
- Conselho Constitucional, 2009. *Acórdão n° 30/cc/2009*, Maputo, 27 de Dezembro.
- Dança, E., 2009. "Frelimo quer desalojar Matsangaissa na Beira", *Savana*, Maputo, 5 de Junho.
- Dança, E., 2010. "Daviz Simango divide MDM", *Savana*, Maputo, 10 de Fevereiro.
- Darch, C., Hedges, D., 2007. *Political Rhetoric in the Transition to Mozambican Independence: Samora Machel in Beira, June 1975*, (manuscrito).
- Diário de Lisboa*, 1974. "Desertores da Frelimo e mercenários de Jorge Jardim organizam a reacção", Lisboa, 10 de Agosto.
- Diário de Lisboa*, 1974. "Graves incidentes em Lourenço Marques", Lisboa, 7 de Setembro.

- Diário de Lisboa*, 1974. "Os partidos fantoches apoiam a rebelião", 9 de Setembro.
- Escorpião, 2009. "Bomba que matou Eduardo Mondlane. Filha de Dhlakama desmente Sérgio Vieira", *Maputo*, 22 de Junho.
- Filimone, H., 2007. "Oposição deve ser reduzida a nada", *Notícias*, Maputo, 28 de Abril.
- Freitas, I.-F., 1965. "Distrito de Manica e Sofala. Subversão", Lourenço Marques, Informação nº 45/965, 4 de Novembro, Arquivo Histórico Ultramarino/MU/GM/GNP/SR36/Pt.3/Situação subversiva em Moçambique.
- Frelimo, 2009. *Manifesto eleitoral para as eleições presidenciais, legislativas e para as eleições provinciais*, Maputo, 23 de Agosto, <http://www.frelimo.org.mz/document.php?args=11622368e0000000a717565727900000004a53454c454354207064662046524f4d20646f63756d656e742057484552452069643d33343800000008747970650000001-e6170706c69636174696f6e2f706466> (consultado a 15 de Março de 2010).
- Hanlon, J. (ed.), 2008. "Resultados finais das eleições autárquicas 2008", *Boletim sobre o processo político em Moçambique*, nº 37, Maputo, *Awepa*, 15 de Dezembro.
- Hanlon, J. (ed.), 2003. "Resultados das eleições locais", *Boletim sobre o processo político em Moçambique*, nº 29, Maputo, *Awepa*, Dezembro.
- Hanlon, J. (ed.), 2009. "Landslide victory for Frelimo and Armando Guebuza", *Mozambique Political Process Bulletin*, 43, Maputo, CIP, *Awepa*, 19 de Novembro.
- Jossias, L., 2010. "É com ideias que queremos construir o País". Daviz Simango, líder da terceira força parlamentar, *Magazine Independente*, Maputo, 6 de Janeiro.
- Lundin, I., 1995. "Partidos políticos: a leitura da vertente étnico-regional no processo democrático", MAZULA, Brazão, *Eleições, democracia e desenvolvimento*, Maputo, Embaixada dos países baixos, pp. 423-472.
- Machel, S., 1983. *A nossa força está na unidade. Intervenção do presidente Samora Machel no comício realizado na Beira em 17 de Junho de 1983 para a apresentação do novo dirigente da província de Sofala*, Maputo, INLD.
- Marcos, J., 2010. "Disputas por poder e desconfianças instalam-se no MDM", *O País*, Maputo, 31 de Maio.
- Movimento democrático de Moçambique, 2009a. *MDM-Manifesto eleitoral-2009*, http://macua.blogs.com/files/mdm_manifesto_elitoral_2009.pdf (consultado a 15 de Maio de 2010).
- Movimento democrático de Moçambique, 2009b. *Estatutos do Movimento Democrático de Moçambique (MDM)*, [s.l.].
- Movimento democrático de Moçambique, 2009. *Manifesto Político*, Beira, 7 de Março.
- Ndapona, E., 2007. "Beira: Imóveis em litígio entre a Frelimo e o Município. Daviz Simango deposita recurso ao Tribunal Supremo", *Canal de Moçambique*, Maputo, 2 de Março.
- Nhamtumbo, N., 2006. "Dividir a Beira é um acto de má-fé", *Canal de Moçambique*, Maputo, 20 de Dezembro.

- Notícias*, 2008. Eleições autárquicas — MAE julga improcedente pedido da Renamo. **Assunto encerrado.** Daviz Simango é, definitivamente, candidato a presidente do Conselho Municipal da cidade da Beira, nas eleições autárquicas de 19 de Novembro, Maputo, 23 de Outubro.
- Notícias*, 2009. “MDM: um partido atípico - considera Edson Macuácuá”, Maputo, Março, 17 de Março.
- O País*, 2009. “Acusando-os de extraviar processos. MDM submete hoje à PGR processo contra membros da CNE”, 12 de Outubro, http://www.google.com.br/#hl=pt-BR&q=+MDM+submete+hoje+%C3%A0+PGR+processo+contra+membros+da+CNE&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=&fp=a20bce6ba6a9df77 (consultado a 17 de Maio de 2010).
- O País*, 2009. “MDM chumba em nove círculos eleitorais”, Maputo, 8 de Setembro, http://www.opais.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=2607:mdm-chumba-em-nove-circulos-eleitorais&catid=63:politica&Itemid=273 (consultado a 17 de Maio de 2010).
- O País*, 2009. MDM decide se apoia governação da Frelimo, Maputo, 10 de Fevereiro, http://www.opais.co.mz/index.php?view=article&catid=63%3Apolitica&id=4503%3Amdm-decide-se-apoia-governacao-da-frelimo&option=com_content&Itemid=273 (consultado a 17 de Maio de 2010).
- O País*, 2009. MDM quer aberturas reais, Maputo, 8 de Fevereiro, http://www.opais.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=4434:mdm-quer-aberturas-reais&catid=63:politica&Itemid=273 (consultado a 17 de Maio de 2010).
- Oliveira, A., 2010. “À semelhança de outros partidos políticos não armados. MDM tem pernas curtas para andar”, *Zambeze*, Maputo, 18 de Março.
- Pide/Delegação de Moçambique, “Assunto: Uria Simango”, Informação n° 1299-CI (2), Lourenço Marques, 30 de Dezembro de 1969, Arquivos Nacionais da Torre do Tombo/*PIDE/DGS*, Processo 2826/62, Frelimo, vol. 1.
- Renamo, 2009., *Vota Renamo. Manifesto eleitoral*, <http://www.renamo.org.mz/Documentos/ManifestoEleitoral2009.pdf> (consultado a 15 de Maio 2010).
- Savana*, 2009. “Dhlakama está numa situação difícil”, Maputo, 5 de Maio, <http://www.savana.co.mz/editorial/desporto/907-dhlakama-esta-numa-situacao-dificil?showall=1> (consultado a 17 de Maio de 2010).
- Secretariado Técnico de Administração Estatal (STAE)., 2002. *Eleições legislativas e presidenciais 1999*, Maputo, Pandora Box.
- Secretariado Técnico de Administração Estatal (STAE)., 2005. *Eleições autárquicas 2003*, Maputo, Pandora Box.
- Secretariado Técnico de Administração Estatal (STAE)., 2006. *Eleições gerais 2004*, Maputo, Pandora Box.
- Senda, R., 2010. “Governo cede e dá bancada ao MDM”, *Savana*, Maputo, 26 de Março.
- Simango, D., 2009. *Discurso de Encerramento*, Beira, 7 de Março.

- Timóteo, A., 2006. "A Meca de Afonso Dhlakama", *Savana*, Maputo, 1 de Setembro.
- Van de Walle, N., 2003. 'Presidentialism and clientelism in Africa's emerging party systems', *Journal of Modern African Studies*, Vol. 41, No. 2, pp. 297 – 321.
- Veloso, F., 2006. "Governo prepara-se para esquartejar a Beira", *Canal de Moçambique*, Maputo, 20 de Dezembro.
- Veloso, F., 2008. "Inaugurado na Munhava Praça André Matsangaissa", *Canal de Moçambique*, Maputo, 20 de Outubro.

Outras Publicações do IESE

Livros

Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo

Protecção social: abordagens, desafios e experiências para Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo

Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique – comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo.

Desafios para Moçambique 2010 (2009)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo

Cidadania e governação em Moçambique – comunicações apresentadas na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)
IESE: Maputo

Reflecting on economic questions – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)
IESE: Maputo

Southern Africa and Challenges for Mozambique – papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)
IESE: Maputo

Cadernos IESE

(Artigos produzidos por investigadores permanentes e associados do IESE. Esta colecção substitui as séries “Working Papers” e “Discussion Papers”, que foram descontinuadas).

Nº 1: Economia Extractiva e desafios de industrialização em Moçambique (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_01_CNCB.pdf

Working Papers

(Artigos em processo de edição para publicação. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

WP nº 1: *Aid Dependency and Development: a Question of Ownership? A Critical View.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/AidDevelopmentOwnership.pdf>

Discussion Papers

(Artigos em processo de desenvolvimento/debate. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE”)

DP nº 6: *Recursos naturais, meio ambiente e crescimento económico sustentável em Moçambique.* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/DP_2009/DP_06.pdf

DP nº 5: *Mozambique and China: from politics to business.* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf

DP nº 4: *Uma Nota Sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_04_Uma_Nota_Sobre_o_Voto_Abstencao_e_Fraude_em_Mocambique.pdf

DP nº 3: *Desafios do Desenvolvimento Rural em Moçambique.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_03_2008_Desafios_DesenvRural_Mocambique.pdf

DP nº 2: *Notas de Reflexão Sobre a “Revolução Verde”, contributo para um debate.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/Discussion_Paper2_Revolucao_Verde.pdf

DP nº 1: *Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf

IDEIAS

(Boletim que divulga resumos e conclusões de trabalhos de investigação)

Nº 30: *A dívida pública interna imobiliária em Moçambique: alternativa ao financiamento do défice orçamental?* (2010)

Fernanda Massarongo

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_30.pdf

Nº 29: Reflexões sobre a relação entre infra-estruturas e desenvolvimento (2010)

Carlos Uilson Muianga

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_29.pdf

Nº 28: Crescimento demográfico em Moçambique: passado, presente...que futuro? (2010)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_28.pdf

Nº 27: Sociedade civil e monitoria do orçamento público (2009)

Paolo de Renzio

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_27.pdf

Nº26: A Relatividade da Pobreza Absoluta e Segurança Social em Moçambique (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_26.pdf

Nº 25: Quão Fiável é a Análise de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique? Uma Análise Crítica dos Indicadores de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique (2009)

Rogério Ossemame

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_25.pdf

Nº 24: Sociedade Civil em Moçambique e no Mundo (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_24.pdf

Nº 23: Acumulação de Reservas Cambiais e Possíveis Custos derivados - Cenário em Moçambique (2009)

Sofia Amarcy

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_23.pdf

Nº 22: Uma Análise Preliminar das Eleições de 2009 (2009)

Luis de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_22.pdf

Nº 21: Pequenos Provedores de Serviços e Remoção de Resíduos Sólidos em Maputo (2009)

Jeremy Grest

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_21.pdf

Nº 20: Sobre a Transparência Eleitoral (2009)

Luis de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_20.pdf

Nº 19: “O inimigo é o modelo”! Breve leitura do discurso político da Renamo (2009)

Sérgio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_19.pdf

Nº 18: Reflexões sobre Parcerias Público-Privadas no Financiamento de Governos Locais (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_18.pdf

Nº 17: *Estratégias individuais de sobrevivência de mendigos na cidade de Maputo: Engenhosidade ou perpetuação da pobreza?* (2009)

Emílio Dava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_17.pdf

Nº 16: *A Primeira Reforma Fiscal Autárquica em Moçambique* (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_16.pdf

Nº 15: *Protecção Social no Contexto da Bazarconomia de Moçambique* (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_15.pdf

Nº 14: *A Terra, o Desenvolvimento Comunitário e os Projectos de Exploração Mineira* (2009)

Virgílio Cambaza

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_14.pdf

Nº 13: *Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda* (2009)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_13.pdf

Nº 12: *Armando Guebuza e a pobreza em Moçambique* (2009)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_12.pdf

Nº 11: *Recursos Naturais, Meio Ambiente e Crescimento Sustentável* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_11.pdf

Nº 10: *Indústrias de Recursos Naturais e Desenvolvimento: Alguns Comentários* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_10.pdf

Nº 9: *Informação Estatística na Investigação: Contribuição da investigação e organizações de investigação para a produção estatística* (2009)

Rosimina Ali, Rogério Ossemane e Nelsa Massingue

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_9.pdf

Nº 8: *Sobre os Votos Nulos* (2009)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_8.pdf

Nº 7: *Informação Estatística na Investigação: Qualidade e Metodologia* (2008)

Nelsa Massingue, Rosimina Ali e Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_7.pdf

Nº 6: *Sem Surpresas: Abstenção Continua Maior Força Política na Reserva em Moçambique... Até Quando?* (2008)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_6.pdf

Nº 5: *Beira - O fim da Renamo?* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_5.pdf

Nº 4: *Informação Estatística Oficial em Moçambique: O Acesso à Informação*, (2008)

Rogério Ossemame, Nelsa Massingue e Rosimina Ali

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_4.pdf

Nº 3: *Orçamento Participativo: um instrumento da democracia participativa* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_3.pdf

Nº 2: *Uma Nota Sobre o Recenseamento Eleitoral* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_2.pdf

Nº 1: *Conceptualização e Mapeamento da Pobreza* (2008)

António Francisco e Rosimina Ali

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_1.pdf

Relatórios de Investigação

***Moçambique: Avaliação independente do desempenho dos PAP em 2009 e tendências de desempenho no período 2004-2009* (2010)**

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame e Sofia Amarcy

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/2010/PAP_2009_v1.pdf

***Current situation of Mozambican private sector development programs and implications for Japan's economic cooperation – case study of Nampula province* (2010)**

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue and Rogério Ossemame

***Mozambique Independent Review of PAF's Performance in 2008 and Trends in PAP's Performance over the Period 2004-2008*. (2009)**

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemame, Nelsa Massingue and Rosimina Ali.

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_eng.pdf

(também disponível em versão em língua Portuguesa no link http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_port.pdf).

***Mozambique Programme Aid Partners Performance Review 2007* (2008)**

Carlos Nuno Castel-Branco, Carlos Vicente and Nelsa Massingue

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/PAPs_PAF_2007.pdf

Comunicações, Apresentações e Comentários

Comentários ao relatório “Alguns desafios da indústria extractiva”, de Thomas Selemane (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ComentariosdeCastelBranco-RelCIP.pdf>

Algumas Considerações Críticas sobre o Relatório de Auto-avaliação de Moçambique na Área da “Democracia e Governação Política”. (2008)

Luis de Brito, Sérgio Inácio Chichava e Jonas Pohlmann

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/MARP_rev_3.pdf

Estado da Nação – pontos que o Presidente da República deveria abordar no seu discurso no Parlamento Moçambicano. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Pontos_para_a_entrevista_sobre_estado_da_nacao.pdf

Os mega projectos em Moçambique: que contributo para a economia nacional? (2008)

Comunicação apresentada no Fórum da Sociedade Civil sobre a Indústria Extractiva. Maputo.

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/Mega_Projectos_ForumITIE.pdf

As consequências directas das crises no panorama nacional Moçambicano (2008)

Comunicação apresentada na IV Conferência Económica do Millennium Bim “Os efeitos das 3 crises - financeira, produtos alimentares e petróleo - sobre as economias de África e de Moçambique em particular”. 4 de Dezembro. Maputo.

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/2009/Texto_BIM_2008.pdf

Alternativas Africanas ao Desenvolvimento e ao impacto da Globalização – Notas Críticas Soltas (2007)

Comunicação apresentada na mesa redonda “Alternativas Africanas ao Desenvolvimento e ao Impacto da Globalização”, 1º Encontro Académico Espanha-Moçambique “Estudos Africanos: Perspectivas Actuais”, 14-15 de Novembro de 2007, organizado pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo. Também publicada sob o título “Os interesses do Capital em África” na revista Sem Terra, nº 49 (Março/Abril de 2009), São Paulo.

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/Alternativas%20africanas_CEA_UEM.pdf

Banco Mundial e a Agricultura, Uma discussão crítica do Relatório do Desenvolvimento Mundial 2008 – Comentário crítico apresentado no lançamento do RDM 2008 em Moçambique. (2007)

Carlos Nuno Castel-Branco

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/Banco%20Mundial%20lanca%20relatorio%20sobre%20Agricultura.pdf>

IESE é uma organização moçambicana independente e sem fins lucrativos, que realiza e promove investigação científica interdisciplinar sobre problemáticas do desenvolvimento social e económico em Moçambique e na África Austral.

Tematicamente, a actividade científica do IESE contribui para a análise da política pública e social e da governação, com enfoque nas problemáticas de pobreza, política e planeamento público, cidadania, participação política, governação e contexto internacional do desenvolvimento em Moçambique.

